

HISTÓRIA E NARRATIVAS: A PROPÓSITO DA OBRA DE APULEIO DE MADAURA, ANÁLISE DE TRÊS RELATOS CONSTANTES EM *O ASNO DE OURO**

Sônia Regina Rebel de Araújo**

Resumo:

*Este texto pretende discutir as relações entre História e Literatura, a partir da obra de Apuleio de Madaura **O Asno de Ouro**. As narrativas sobre a trajetória de Lúcio, na pele do asno, e a de Telifrão cumprem papéis relevantes para se entender o contexto da transformação de Lúcio em asno, mas o fulcro de minha argumentação é tentar compreender a ideologia escravista que a obra informa. Analiso, então, as metáforas escravistas que estruturam tal narrativa, que implicam aproximações e comparações entre escravos e animais, particularmente no que tange ao leilão de escravos.*

Palavras-chave: Apuleio; *O Asno de Ouro*; Literatura e História; escravidão em Roma; romance grego.

Introdução

Nesta oportunidade, faço inicialmente algumas discussões teóricas sobre a relação entre Literatura e História, ficção, verdade e verossimilhança. Os autores que as embasam são L. Goldmann, C. Ginzburg, K. Hopkins e W. Fitzgerald. Completo-as com alguns exemplos retirados da obra apuleiana, pois o núcleo deste artigo é *se e como* podemos fazer His-

* Recebido em 28/09/2012 e aceito em 05/11/2012.

** Professora associada de História Antiga do Departamento de História e do PPGH da UFF. Este texto foi apresentado inicialmente como Conferência no âmbito do XXII Ciclo de Debates em História Antiga, "História & Narrativas" do Lhia/UFRJ, no dia 26 de setembro de 2012. Agradeço aos professores Regina Maria da Cunha Bustamante e Fábio de Souza Lessa o convite para proferi-la.

tória a partir de fontes ficcionais, e temos como *locus* a obra de Apuleio de Madaura, **O Asno de Ouro**, um romance de aventuras.

K. Hopkins em um texto clássico¹ – **Novel Evidence for Roman Slavery** – pleiteia que as ficções são fontes confiáveis para uma história que se preocupe com sentimentos, emoções. Então, como a presente pesquisa analisa a obra literária de Apuleio, da qual se destaca **Metamorfoses** ou **O Asno de Ouro**, obra ficcional, tomo como guia as indagações de Hopkins. Faço, então, a pergunta: pode um texto obviamente ficcional servir objetivamente para termos acesso aos temas mais significativos para este estudo (a família e o casamento numa província africana, a escravidão, a devoção de Apuleio, a visão apuleiana sobre as mulheres)? Hopkins abriu um caminho muito interessante e inovador para todos os que estudam vários temas a partir de fontes literárias. Acrescento um notável complemento retirado da obra de Carlo Ginzburg: “A fé histórica permite-nos, como mostrou Chapelain, construir a verdade a partir de ficções, o verdadeiro a partir do falso” (GINZBURG, 2007, p.79-93).

Carlo Ginzburg analisa no Prefácio de **Olhos de Madeira** (GINZBURG, 2001, p.13-43) a noção de “estranhamento”, entendida como distanciamento, como noção útil para a Literatura e para a História. Ela pode ser compreendida como a visão de um animal, um camponês, um elemento das classes populares, sobre a sociedade, emitindo, inclusive, um juízo de valor. O “estranhamento” é uma ideia, um conceito bastante interessante porque, ao deslocar a opinião sobre aspectos do social para a visão de um asno ou um escravo, um popular, enfim, tem-se acesso à ideologia, à visão de mundo dos populares que, por esse meio, pode ser entrevista.

E Ginzburg explica a ligação entre a noção de “estranhamento” e a literatura, noção que, aliás, ele enfatiza, não se originou com Antonio de Guevara no século XVII, mas:

(...) o texto de Guevara deixou uma marca indelével nos sucessivos desdobramentos do estranhamento como procedimento literário. Daquele momento em diante, o selvagem, o camponês, o animal, quer isoladamente, quer combinados entre si, forneceriam um ponto de vista do qual se pode olhar a sociedade, distantes, críticos.
(GINZBURG, 2001, p.13-43)

O asno-Lúcio, personagem principal de uma história picaresca, apesar da forma asinina, conserva uma inteligência humana (*Met.* III)² e, por isso, por vezes, emite juízos de valor (GINZBURG, 2007, p.81-82). Na passagem de *Metamorfozes* em que Caridade, a moça raptada por bandidos, que chorava perdidamente o afastamento do noivo no dia das núpcias, se lança nos braços do novo chefe de bandidos (depois fica esclarecido ser ele o seu noivo) aos beijos e abraços, o asno pondera:

Assim que ela viu o moço e ouviu falar de prostituição e do tráfico de escravos, pôs-se a rir e a manifestar tanta alegria, que me senti impelido a acusar todo o seu sexo (...). E então, nesse instante, a totalidade das mulheres e sua moralidade dependeu do julgamento de um burro. (Met. VII, 10)

O método central para a minha abordagem de *O Asno de Ouro* é o *estruturalismo genético* de L. Goldmann. Se, para Goldmann, as estruturas significativas ou mentais seriam fenômenos sociais (o que conferiria à obra literária a sua unidade), então, o verdadeiro autor da obra literária é o que ele chama de “*estrutura englobante*”, ou seja, a consciência de classe. A análise deveria oscilar entre dois níveis: o do objeto de estudo e o da consciência de classe. Seu método ajudaria a buscar tanto a explicação quanto a compreensão da obra literária, nunca esquecendo sua origem social última, pois os indivíduos são socialmente determinados.³

Uma premissa de Goldmann que tem implicação direta com o procedimento metodológico é a de que, por motivos de ordem estética, o autor da obra literária sente necessidade de, ao expor sua tese, expor também a tese oposta, aquela em que não crê, de modo a tornar mais clara sua visão de mundo (sua tese). Por tal motivo, as obras contêm oposições e é útil procurar desvendá-las. Assim, sabedoria opõe-se a magia na obra apuleiana, tanto em *Apologia* quanto em *O Asno de Ouro*, assim como cidadania opõe-se a escravidão, medicina opõe-se a envenenamento, mulheres fiéis e prudentes a mulheres pérfidas.

Algumas palavras sobre os aspectos narratológicos de *O Asno de Ouro*. Sob esse prisma, há muitas ocorrências importantes, relevantes para o entendimento do relato. Destaco apenas a questão do *narrador*. Em primeiro lugar, há diferença entre “*autor*” e “*narrador*”. Se o autor é Lúcio Apuleio, em termos narrativos encontramos uma plêiade de narradores,

mas eu destacaria como narradores principais três que se confundem: a) o primeiro narrador é Lúcio, cidadão grego de Corinto que viaja para a Tessália em busca de aumentar seus conhecimentos sobre magia (L. I-III); b) Lúcio-asno, o mesmo Lúcio na pele do burro após sua metamorfose (L. III-XI); c) Lúcio, cidadão romano de Madaura, o próprio Apuleio, que, despido da pele de asno, se revela cidadão romano e rico proprietário (L. XI). Assim, o mesmo personagem se reveste de várias personalidades, sendo a central o asno-Lúcio que, mesmo sob o invólucro da besta de carga, mantém uma inteligência humana e narra suas desventuras até recuperar a forma original, quando se revela ser narrador o próprio Apuleio.⁴

Nesta oportunidade, pretendo analisar centralmente a ideologia escravista presente no romance de Apuleio, **O Asno de Ouro**, observando, no desenvolvimento da trama, o comportamento de amos e escravos, assim como a relevância das metáforas de escravos como animais e de animais como escravos “cortando” todo o romance do primeiro ao último livro. Em outras palavras, a transformação de Lúcio em asno e todas as peripécias por que passou depois de sua metamorfose, constitui uma metáfora da escravidão, o verdadeiro tema desse livro. A linguagem empregada e o uso corrente de metáforas estruturando a narrativa unificam escravos e animais nas mesmas situações de vida: trabalho estafante, a tortura, a venda em leilão, as mudanças de dono, a condenação a castigos cruéis e até à morte.

As hipóteses relativas ao texto são as seguintes:

1 – Geral: como os escravos eram seres humanos vistos ambigualmente como coisas ou animais, a transformação de Lúcio em asno, assim como todas as peripécias por que passou Lúcio-asno, constitui uma metáfora da escravidão, o verdadeiro tema do romance.

2 – Específica: a linguagem empregada no romance unifica escravos e animais nas mesmas situações de vida: tortura, venda em leilão, trabalho extenuante, condenação a castigos cruéis.

3 - Os defeitos de Lúcio o levaram não só a sofrer a terrível metamorfose quanto a sofrer novos e cruéis castigos, uma vez metamorfoseado em asno-escravo; ao contrário, quando ele apresentou arrependimento por seu comportamento licencioso foi recompensado com o retorno à forma humana (sob o patrocínio da deusa Ísis).

A maneira de comprovar essa última hipótese – as sequências narrativas do romance mostram Lúcio insistindo nos erros que o levaram a se

tornar besta de carga = escravo e a recusa a se comportar de maneira sumamente indigna (Livro X) – trouxe-lhe a redenção, a recuperação da forma humana e da cidadania (Livro XI).

1. Escravidão e metáfora

A noção de *metáfora* inclui dois aspectos: a ideia de *comparação* e a de *substituição* ou *transferência*, pela existência de algum grau de *similaridade* dos objetos comparados (FERREIRA, 1972; CUNHA, 1982; KOOGAN/HOUAISS, 1997; ROCHA LIMA, 1976; HARVEY, 1989):

METÁFORA: do grego metaphorá, pelo latim metaphora (s. f.). Tropo em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra, em virtude de relação de semelhança subentendida; (...) (FERREIRA, 1972).

METÁFORA: (s. f.) Consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua em virtude de uma comparação implícita. (...) Assenta a metáfora numa relação de similaridade, encontrando seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: associação de ideias. Assim, ela transporta o nome de um objeto a outro graças a um caráter qualquer comum a ambos. (ROCHA LIMA, 1976 – grifo no original)

Definida a metáfora, afirmo que há, no pensamento clássico, uma similaridade entre as bestas de carga e os escravos, o que induz à associação de ideias, à comparação. Daí, transferir-se o significado próprio aos animais para os seres humanos escravizados. Tais ocorrências eram comuns no mundo antigo: em grego, por exemplo, *tetrapoda*, palavra que designava animais, contrapunha-se a *andrapoda*, uma das maneiras de designar escravo – um trocadilho que mostra a visão pejorativa, depreciativa, em relação a escravos. Em autores como Catão, o Antigo (*De Agricultura*), e Varrão (RR 1.17), citações unindo escravos e animais em várias situações – trabalho, alimentação, vigilância – também são corriqueiras.⁵ A ambiguidade permeava a visão dos letrados sobre os escravos no mundo greco-romano, e estes eram vistos ao mesmo tempo como seres humanos, como coisas e animais. A esse respeito, assumo a afirmativa de Finley (FINLEY, 1991, p.65-97) de que é “o tema da escravidão que sugere a abordagem

[literária]”. Ou seja, o emprego da metáfora nessa obra é muito mais do que um recurso estilístico: é a uma maneira de estruturar o pensamento dos antigos quando o tema é a escravidão (CARDOSO, 1984; BRADLEY, 1996, p.57-80).

Alguns autores escreveram belos textos sobre escravidão e metáfora escravista. P. Garnsey, na Introdução de seu livro (GARNSEY, 1996, p.16-19 e 116-25), fala de “escravidão como metáfora” e o faz em relação ao pensamento dos estoicos, dos cristãos, enfatizando sobretudo estes últimos e mostrando como, no pensamento aristotélico, a inferioridade do escravo como ser sub ou infra-humano ficava estabelecida no sentido de aproximar o senhor da alma que comanda o corpo, este comparado ao escravo.

A obra mais pertinente para meus propósitos é a de W. Fitzgerald **Slavery and the Roman Literary Imagination** (FITZGERALD, 2000, p.8-23), cujo tema é a presença da escravidão na literatura romana, especialmente os escravos domésticos. Para dar conta desse tema, examina vasta literatura do mundo romano sobre a escravidão, demonstrando ser impraticável, no pensamento antigo, a ideia de viver sem escravos.⁶

Outra ideia importante na obra, e que pretendo explorar neste artigo, é a da simbiose entre amo e escravo, o que pode aparecer na literatura como complementaridade – o escravo como parte do corpo do amo, ou suporte para a honra do amo – de uma maneira conflituosa, pois o amo não pode viver sem o escravo, posto que a relação é de antagonismo.

Pensar a humanidade do escravo era filosoficamente problemático. (...) Viver com escravos era viver em contradição. (...) Este livro, então, não deseja formular aquelas atitudes, mas preferivelmente localizar os paradoxos e ambiguidades que fizeram esta complexa instituição um tema tão rico. (FITZGERALD, 2000, p.6-8)

Diferentemente desse autor, minha hipótese apoia-se na ideia de que a trajetória do asno-Lúcio metaforiza a da vida dos escravos no mundo romano.⁷ Desde que se transformou em asno (APULEIO. *Met.* III), Lúcio fica prisioneiro de um corpo feio e disforme, mas, tal como a do escravo, sua alma era livre, e ele mantém a inteligência e a compreensão humanas.

Analiso alguns aspectos da trajetória de Lúcio-asno para procurar compreender a experiência do que era ser escravo no mundo romano antigo. Por isso, em primeiro lugar, traço alguns paralelos entre escravos e

animais no romance de Apuleio e, a seguir, escolho uma passagem em que o tema da similaridade entre escravos e animais é mais patente, a ponto de haver uma simbiose entre ambos: o leilão de escravos e animais (APULEIO. *Met.* VIII, 23-25).

2. Escravos e animais em *O Asno de Ouro*: Duas metamorfoses

Em primeiro lugar, concordo com Fitzgerald: esse é um romance de perda e restauração. Estudo a metamorfose de Lúcio em asno, ou seja, em escravo, e depois a metamorfose invertida, a recuperação da forma humana. É importante ressaltar que dois fatores causaram essa degradação – curiosidade e luxúria –, e o abandono desses defeitos – aliás, comumente atribuídos a escravos (GARNSEY, 1996, p. 23-53)- possibilitou-lhe recuperar sua humanidade e cidadania.

Sua curiosidade por magia e a luxúria – as relações sexuais com a escrava de seu hospedeiro – foram fatores determinantes para a degradação trazida pela metamorfose em asno. Na “economia do relato”, é importante constatar que ele foi advertido por vários personagens do romance contra a magia, contra a maga Panfília, mulher de seu hospedeiro. Assim, Birrena, no livro II, que se apresenta como parente de Lúcio, pois ela e a mãe de Lúcio tiveram a mesma ama de leite “da família de Plutarco”, (*Met.* II) adverte contra as práticas mágicas e criminosas de Panfília.

Em casa de Birrena, ele conhece um cidadão, Telifrão, que foi mutilado por artes de magia. Também ele foi à Tessália em busca de magia e sofreu as conseqüências. O relato de Telifrão é importante porque é um novo anúncio das desgraças que se abaterão sobre Lúcio. Na passagem, são citadas as práticas mágicas e criminosas das bruxas que se apossam de pedaços de cadáveres para seus crimes:

Pois as próprias sepulturas dos mortos não estão seguras, dizem, mas ali vão roubar, nos montículos de terra, e nos restos das fogueiras dos condenados, relíquias tomadas dos cadáveres, para a perdição dos vivos. E no próprio momento das cerimônias fúnebres, velhas mágicas avançam, célebres como pássaros, sobre aqueles que procedem ao sepultamento. (Met. L. II, 20)

Como narra o próprio Telifrão:

Vê-se bem que és um menino e peregrino de muito longe, pois ignoras que te encontras na Tessália, país onde as feiticeiras têm o hábito de roubar com os dentes, do rosto dos mortos, material com que prover suas artes mágicas. (L. II, 21).

Pois quando essas medonhas criaturas, que têm o poder de se transformar em animais, tomam a forma de um irracional qualquer (...). Depois, por meio de seus infernais encantamentos, fazem o vigilante cair num sono de morte. (L. II, 22)

Ele explica que, por imprudência juvenil, uma vez na Tessália aceitou tomar conta de um cadáver. A família pagou-lhe para que impedisse que bruxas perigosas desfigurassem o cadáver que estava sendo velado. Narra que as bruxas, desejosas de despojos humanos, primeiro o fizeram cair em sono profundo e, depois, lhe cortaram o nariz e as orelhas, substituindo essas partes por simulacros de cera.

(...) A porta estava cuidadosamente fechada, mas por um buraco lhe cortaram primeiro o nariz, depois as orelhas, e foi em meu lugar que ele sofreu essas amputações. Em seguida, a fim de que nenhuma dessas desordens lhes descobrisse a traça, no modelo das orelhas cortadas fizeram orelhas de cera que lhe aplicaram perfeitamente e, do mesmo modo, um nariz. (L. II, 30)

Mesmo assim, Lúcio permanece na Tessália, e as advertências de Birrena e Telifrão, longe de dissuadi-lo, aguçam-lhe a curiosidade.

Um fator determinante para sua transformação infeliz foi a sua curiosidade, especialmente por magia e práticas mágicas, pois, sabedor de que Panfilia, ama de Fótis, era maga, observou-a quando passava unguento no corpo e, transformada em coruja, saiu voando. Por isso, pediu à escrava que roubasse a caixinha, para que ele mesmo se transformasse em pássaro. Fótis dá-lhe uma caixinha com unguento, garantindo-lhe que tudo estava certo. Ele tirou todas as roupas, passou o conteúdo da caixa no corpo, abanou os braços querendo que se tornassem asas, mas o resultado foi desastroso: ele foi punido por ter tido atitudes servis, curiosidade e luxúria (FITZGERALD, 2000, p.103-4):

(...) Da penugem, nenhum sinal. Porém meus pelos se espessaram em crinas, minha pele macia endureceu como couro, a extremidade de minhas mãos perdeu a divisão dos dedos, que se ajuntaram todos num casco único; da parte mais baixa de minha espinha, saiu uma longa cauda. Eis-me agora com uma cara monstruosa, uma boca que se alonga, ventas largas, lábios pendentes. Minhas orelhas cresceram desmedidamente e se eriçaram de pelos. Miserável transformação, que me oferecia como consolo único, impedido que estava, de agora em diante, de ter Fótis entre os braços, o desenvolvimento de minhas vantagens naturais. (...) Não vi uma ave, mas um burro. (...) Não tendo, no entanto, de homem, nem a voz, nem o gesto (...). (Met. III, 24-5)

Várias informações importantes estão nesse trecho. Em primeiro lugar, a aparência era signo, na Antiguidade, de situação social. A beleza era tida como signo de nobreza; a feiúra, como marca de degradação, própria aos seres socialmente inferiores, especialmente escravos. A forma de burro, animal de carga, é uma indicação de escravidão: as orelhas grandes, por exemplo, significam o defeito de curiosidade e a capacidade de ouvir dos escravos, sempre presentes como testemunhas mudas do cotidiano dos amos, e isso é mostrado em numerosas passagens dessa obra (Met. IX, 12-3).

Ainda sobre a aparência de Lúcio-asno, note-se o endurecimento da pele macia até tornar-se couro duro. Esse trecho indica, além da aparência grosseira, a adequação do asno para as desventuras por que vai passar: exploração econômica, sucessivos castigos físicos, sendo os açoites e pauladas os mais comuns (Met. III, 29; IV, 3; VI, 26; VII, 17-18; VII, 28; VIII, 30; IX, 11; IX, 13).⁸

Muito interessante, também, é a menção a sexo e perda de autocontrole. Lúcio-asno relata “o desenvolvimento de minhas vantagens naturais” – em outras palavras, seus órgãos sexuais tomaram as proporções próprias aos jumentos, mas isso não servia de consolo, pois não podia ter Fótis entre os braços. A luxúria como defeito dos escravos é comum no pensamento do mundo clássico e surge em várias passagens da obra (Met. VII, 14-5; VII, 20-1; VII, 23; VIII, 22). Vemos, respectivamente, Lúcio-asno ganhar o papel de besta reprodutora, o que muito lhe agradou, por sinal, mas, por apresentar tal defeito, caiu de novo na escravidão, foi vendido ao dono de um moinho e quase foi morto a pauladas por camponeses.

Outra passagem interessantíssima quanto à luxúria como defeito de escravos é a existente em *Met.* X, 19-22, em que Lúcio-asno é requisitado por uma mulher lasciva para com ela ter relações sexuais; assim, é alugado por seus novos donos e consegue, de fato, ter intercurso sexual com a mulher. Tal fato acarretou-lhe uma situação potencialmente perigosa: mudança de dono e condenação a ter relações sexuais no teatro com uma mulher *infame*, condenada por adultério e outros crimes.

Resumindo: a malfadada metamorfose trouxe-lhe a perda de condição humana, da liberdade e da cidadania, acompanhada de degradação física e uma série de desgraças próprias da escravidão e dos animais, como ser açoitado rotineiramente, trabalhar até extenuar-se, mudanças constantes de donos, ser torturado.

A recuperação da humanidade, quando comeu as rosas do culto de Ísis (no livro XI), mostra uma metamorfose contrária, pois, ao tornar à forma humana, Lúcio tem de volta suas prerrogativas de ser livre e cidadão: ter família, amigos, escravos.

(...) Ela não mentira, a celeste promessa: minha deformada aparência de besta se desfez imediatamente. Primeiro, foi-se o pelo esquálido; depois o couro espesso se amaciou e o ventre obeso abaixou; na planta dos meus pés, os cascos deixaram emergir os dedos; minhas mãos não eram mais patas, e se prestavam às funções de membro superior; meu longo pescoço chegou aos seus justos limites; meu rosto e minha cabeça se arredondaram; minhas orelhas enormes voltaram a sua pequenez primeira; meus dentes, semelhantes a tijolos, reduziram-se às proporções humanas; e a cauda, sobretudo, que me cruciava, desapareceu! (XI, 13) (...) Quanto a mim, (...) Não sabia o que dizer (...) nem por onde começar. (...) com a voz que me era devolvida. Com que palavras de feliz augúrio saudar em mim o renascimento da linguagem. O sacerdote [de Ísis] (...) com um sinal de cabeça ordenou que me dessem uma veste de linho com que eu me cobrisse, pois despojado do nefasto envoltório do asno, eu tinha apartado as coxas, fortemente, tapando conforme podia com as mãos, para me proteger decentemente (...). (Met. XI, 14)

Observe-se que a perda do envoltório de asno e o retorno à humanidade trouxeram-lhe a obtenção de todas as qualidades próprias do ser

humano pleno, livre e cidadão: a obtenção da linguagem, do belo aspecto, do pudor e da honra, pois alguém que acompanhava a procissão deu-lhe uma túnica de linho para vestir-se e, a seguir, ele teve de volta a família e escravidão, e o romance mostra mais uma metáfora desta vez atribuindo o significado de morte para escravidão: “Imediatamente, os meus amigos, os meus escravos, e todos que tinham comigo laços de sangue deixaram o luto tomado à falsa notícia de minha morte (...) para ver com os próprios olhos minha volta do inferno para a luz do dia” (Met. XI,18).

Quanto à semelhança entre asnos e escravos no que tange ao trabalho, volto minha atenção para o trecho de **Metamorfoses** em que, uma vez na estrebaria dos sacerdotes de Cibele, o escravo tocador de flauta trata-o muito bem e o recebe com demonstrações de alegria, pois que o asno o iria substituir no trabalho de carregar o andor da deusa Síria (Met. VIII, 26). Observe-se que o escravo tocador de flauta fazia tarefa de besta de carga, pois era ele que, antes da aquisição de Lúcio, que carregava o andor. Há uma comparação e mesmo similaridade de funções entre escravo e animal no que toca à exploração, à realização de tarefas pesadas. Por isso, o escravo trata quase amorosamente de Lúcio-asno, para que ele o substitua “neste trabalho desgraçado” e pra isso deve estar bem alimentado, para que “vivas muito e dê alívio aos meus rins fatigados” (Met. VIII, 26).

Outra situação de semelhança ou comparação entre escravos e animais ocorre em relação ao trabalho na padaria urbana onde Lúcio foi parar após várias peripécias. Observe-se que, em dois capítulos sucessivos, o 12 e o 13, o autor narra o aspecto lamentável de escravos e animais na dura tarefa de movimentar a mó do moinho:

Quantos cativos, com a epiderme toda zebreada pelas marcas lívidas do chicote, e cujas machucaduras de pancada estavam mais escondidas que protegidas por uns trapos remendados! Alguns levavam uma faixa exígua, que não lhes cobria senão o púbis, e todos vestiam só farrapos, entre os quais nada deles ficava desconhecido. Tinham as frentes marcadas de letras, os cabelos raspados de uma banda, os pés carregados de anéis, terrosa a tez, as pálpebras queimadas pelo tenebroso ardor de uma espessa fumaça, a ponto de mal enxergarem. E, tal como os pugilistas que se empoam para combater, por todo o seu corpo se espalhava a brancura encardida da poeira de farinha. (Met. IX, 12)

Nessa narrativa, juntam-se várias características da situação de ser escravo no mundo romano. Os castigos físicos, representados pelas cicatrizes das chicotadas, pelas marcas de ferro em brasa na pele dos escravos. A isso vem se somar o péssimo aspecto, os maus-tratos cotidianos representados pelas roupas insuficientes, pela tez lívida, pela magreza trazida pela fome. E o ambiente insalubre e o trabalho estafante são marcas do trabalho explorado que realizavam. Nada diferente é a imagem dos jumentos da mesma padaria que Lúcio observou e descreveu com as seguintes palavras:

Velhos mulos, castrados, débeis, lá estavam em torno do cocho, onde mergulhavam a cabeça para devorar montões de palha. Um sopro arquejante agitava-lhes o couro encoscorado de úlceras purulentas. Suas ventas flácidas se dilatavam sob sacudidelas de uma tosse contínua. Tinham o peito em carne viva, pela fricção incessante da corda. Suas ancas estavam escoriadas até os ossos pelos perpétuos castigos. A parte coriácea dos cascos, no voltear interminável, tinham-se acachapado numa desmesurada largura, e todo o couro deles era coscorento, pelado e de magreza exasperada. A vista lamentável dessa tropa de escravos me fez temer uma sorte semelhante para mim (...) sem se importarem com a minha presença, todos falavam diante de mim livremente e à vontade. (Met. IX, 13 – grifos meus).¹⁰

A metáfora escravista, nesse caso do trabalho explorado, é completa. Jumentos e homens realizam as mesmas tarefas, têm aspecto semelhante, mas o que chama a minha atenção é o vocabulário empregado que caracteriza a metáfora, ou seja, transportar uma situação para outra circunstância com outro significado – no caso, chamar a tropa de jumentos de “tropa de escravos”.

3. O leilão de escravos e a metáfora da escravidão

A venda de escravos em leilão era um dos fatos corriqueiros, mas dos mais dolorosos na vida de escravos na Antiguidade. A exposição de seres humanos nus, tratados como mercadoria, trazia obrigatoriamente uma série de violências e abusos. A posição dos escravos como propriedade e, em decorrência, mercadoria, é que determinava o duro tratamento dado a escravos (FINLEY, 1990 p.177-90; BRADLEY, 1987, p.113).

Há várias menções à venda de pessoas e animais na obra e, mais uma vez, pode-se constatar a junção desses seres num nível infra-humano. No Livro IX, capítulo 31, lê-se que uma mulher que perdera o pai “vendeu tudo que fazia parte da herança, escravos, móveis, animais. Foi assim que todo o patrimônio foi dispersado, aqui e ali, (...) numa venda cheia de imprevistos. Fui comprado por um pobre jardineiro (...)”.¹¹

Após ter sido vendido pela filha do moleiro, Lúcio-asno foi ter a uma rica cidade, onde foi leiloado juntamente com outros animais. Seus novos donos foram os sacerdotes de Cibele. Esta passagem – VIII, 23-25 – é muito significativa para confirmar os pressupostos do texto: mostra a junção de tratamento e destino de escravos e animais; os abusos cometidos pelos traficantes de escravos e suas estratégias de venda de mercadoria; os abusos sexuais no momento do leilão; a resistência do escravo.

(...) Depois de terem, durante três dias, deixado os animais se refazerem e alisarem o pelo, para adquirirem melhor aparência, conduziram-nos ao mercado. A voz forte do pregoeiro público anunciava um por um os preços. Os cavalos e outros burros encontravam ricos compradores. Só eu, preterido, via a maioria das pessoas passar adiante desdenhosamente. Começava a me aborrecer das apalpadelas daqueles que de acordo com meus dentes, me calculavam a idade. Como um deles, com mão suja e fedorenta, começasse a me tatear as gengivas com seus dedos repugnantes, apanhei-lhe a mão entre os queixos e a apertei fortemente. Isto tirou toda a vontade, àqueles que nos cercavam, de comprar um burro assim feroz. (Met. VIII, 23)

Lúcio narra sua experiência de ser vendido em leilão como burro de carga. A suprema violência que se cometia contra escravos era tratá-los como propriedades, mercadorias. Daí os abusos na hora do leilão, como a verificação da saúde pelo estado da arcada dentária (BRADLEY, 1987, p.113), fato sucedido com escravos, não somente nem principalmente com animais. As apalpadelas no corpo dos escravos e demais abusos físicos também constam nessa fonte. Por se tratar de um homem livre, caído em escravidão recentemente, a inconformidade com tal tratamento poderia se dar em reações de resistência possíveis de serem expressas por escravos, como morder a mão que o apalpava, fingir ser violento para tentar manobrar a situação e evitar um comprador indesejado, usar a astúcia.

O pregoeiro, então, faz um discurso em que, a propósito dos defeitos do burro, desfia um rosário de defeitos atribuídos aos escravos:

(...) Até quando ficará exposto à venda este velhaco? Velho, de casco gasto, já nem podendo andar, deformado pelas dores, feroz, preguiçoso, estúpido, eis o que é: uma peneira de coar entulho. Bem que faríamos presente dele, se alguém tivesse vontade de perder seu feno. (Met. VIII, 23)

O pregoeiro enumera os defeitos do asno-escravo porque a lei, no mundo romano, obrigava os vendedores a anunciar os defeitos dos escravos aos possíveis compradores (CARDOSO, 1984, p.128-30; BRADLEY, 1996, p.31-53).

No entanto, apesar disso, aparece um comprador, Filebo, sacerdote da deusa Síria. Lúcio-asno lamenta mais uma vez a perseguição da fortuna, por ter-lhe posto no caminho justamente esse comprador, e o motivo era o atentado à castidade que tal dono representava (Met. VIII, 24). O atentado à castidade era preocupante porque, como já comentei, foi por não preservá-la que caiu nessa situação degradada.¹² A simbiose entre escravos e animais no episódio do leilão fica ainda mais clara neste trecho:

[O sacerdote de Cibele pergunta sobre a origem do burro] “Da Capadócia”, foi a resposta, “e é muito forte, asseguro”. Ele quis saber a minha idade. “Um astrólogo que estabeleceu quais eram as suas estrelas, calculou que ele andava pelos cinco anos. (...) se bem eu me exponha, e não o ignoro, os rigores da Lei Cornélia, se vender como escravo um cidadão romano, não hesites em comprá-lo. É um bom e honesto escravo que pode te prestar serviços tanto em casa quanto como fora”. (Met. VIII, 24-25)

Vemos que a venda se dava dentro dos limites da lei, a lei Cornélia (claramente citada), que regulamentava as vendas de escravos e obrigava o vendedor a declarar os defeitos de suas mercadorias humanas. Os escravos da Capadócia eram tidos como muito fortes e apropriados para carregar liteiras, cargas pesadas, e o burro estava sendo comprado para carregar o andor da deusa Síria (BRADLEY, 1996, p. 57-80).

A ironia do vendedor, considerado mentiroso como todo vendedor de escravos no mundo romano (FINLEY, 1990, p.177-90), aparece no fato de

afirmar ter um simples burro sua idade apontada por um astrólogo, ocorrência adequada apenas aos seres humanos, e de chamá-lo de “bom e honesto escravo”, pois, logo antes, como mostrado, afirmara que o burro para nada servia: era preguiçoso e feroz (os piores defeitos de escravos). Mudou o tom e o teor de seu discurso, assim que percebeu o interesse do comprador. Mas, sobretudo, porque estava vendendo, justamente, um cidadão romano nascido livre.

A questão do poder do amo sobre esta “peculiar mercadoria” (FINLEY, 1990, p.180), a resistência do escravo, aqui em metáfora de Lúcio-asno, é afirmada neste trecho a seguir, logo após o comprador perguntar sobre a mansidão do burro:

(...) é um carneiro, o que vês, não um burro. Ele se presta sabiamente a todas as necessidades. Não morde, nem mesmo escoiceia. Se queres, verificá-lo não é difícil. Introduze-te entre suas coxas, como um hermafrodita; verás por ti como demonstrará enorme paciência. (Met. VIII, 25)

A paciência e a necessidade de ter de suportar todo tipo de constrangimento eram traços da situação do escravo. A astúcia como forma de resistência também é mencionada no episódio do leilão, porque o sacerdote de Cibele admoesta o traficante para que este não lhe venda um burro bravo, capaz de derrubar o andor da deusa Síria. Esta é a reação do burro:

(...) Eu, ouvindo este sermão, planejava sair na disparada, de súbito, como um louco, a fim de que, vendo-me presa de um ataque de ferocidade exasperada, ele renunciasse à compra. Mas o velho, ansioso para concluir o negócio, antecipou-se ao meu projeto e imediatamente despejou a soma de dezessete denários, que o meu dono feliz (...) aceitou sem dificuldade. (Met. VIII, 25)

A astúcia era uma arma empregada para o escravo tentar negociar sua venda e afastar um comprador indesejável, fatos comuns na escravidão nas Américas.¹³ É instigante imaginar que isso também pudesse ocorrer na escravidão antiga. A leitura de **Metamorfoses** nos abre tal perspectiva.

Chamo a atenção para o papel intercambiável dos escravos e animais como objetos de exploração no trabalho – exemplo: o asno substitui o tocador de flauta na tarefa de carregar o andor da deusa – e submissão a casti-

gos constantes como condição para produzir, caso dos escravos e jumentos da padaria urbana. A ideologia escravista disforiza fortemente o trabalho manual, mostra os escravos como seres pertencentes ao infra-humano assim como os animais. O trabalho, símbolo de dor, de esforço penoso, era tarefa indistintamente a ser cumprida por homens e animais.

Conclusão

Procurei analisar as metáforas escravistas presentes em **Metamorfoses** para compreender e explicar o teor da visão de mundo de Apuleio. Creio ter deixado claro que o vocabulário empregado, assim como as figuras de linguagem, principalmente as metáforas, levam o leitor a perceber que o autor fazia aproximações e, mais do que isso, assimilava mesmo escravos e animais em situação de vida e em relação ao vocabulário empregado. Tudo isso aponta para uma *estrutura englobante*, uma consciência de classe informada pela ideologia escravista dominante no mundo romano.

HISTORY AND NARRATIVES: ON THE WORK OF APULEIUS OF MADAURA, ANALYSIS OF THREE CONSTANTS REPORTS ON THE GOLDEN ASS

*Abstract: This paper discusses the relationship between history and literature in Apuleius' **The Golden Ass**. The narratives about the history of Lucius in donkey's skin and Telifron fulfills relevant roles to understanding the context of the transformation of Lucius in ass, but the first aim of my argument is to try to understand slavery ideology that informs this work. I analyze the metaphors that structure such slave narrative involving approximations and comparisons between slaves and animals, particularly regarding the slave's public sale.*

Keywords: Apuleius; The Golden Ass; Literature and History; Slavery at Rome; Greek Novel.

Documentação

APULÉE. **Métamorphoses**. Texto estabelecido e traduzido por P. Vallette. Les Belles Lettres, 1958.

Bibliografia

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. SP: HUCITEC, 1987.
- BRADLEY, K. **Slavery and Society at Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BRADLEY, K.; CARTLEDGE, P. (Org.) **The Cambridge World History of Slavery**. V. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CARDOSO, C. F. **Trabalho compulsório na Antiguidade**. RJ: Graal, 1984.
- CHALHOUB, S. **Visões da liberdade**. SP: Companhia das Letras, 1992.
- FINLEY, M. I. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. RJ: Graal, 1991.
- FITZGERALD, W. **Slavery and the Roman Literary Imagination**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000
- GARNSEY, P. **Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine**. London: Cambridge, 1996.
- GINZBURG, C. **O fio e os rastros**. SP: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Olhos de madeira**. SP: Companhia das Letras, 2001,
- GOLDMANN, L. **Marxisme et Sciences Humaines**. Paris: Gallimard, 1970
- _____. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HOPKINS, K. Novel Evidence for Roman Slavery. **Past and Present**, Oxford University Press, n.138, p.3-27, 1993.

Notas

¹ K. Hopkins. Novel Evidence for Roman Slavery. **Past and Present**, Oxford University Press, n.138, p.3-27, 1993. Cf. com o original: "This is an article about Roman slavery, and an experiment with method. Substantively, my objective is to sketch the slave's experience of slaver, and the fears and anxieties which slavery evoked in Roman masters." (HOPKINS, 1993, p.3).

² Utilizei no título deste artigo o nome mais conhecido deste romance de Apuleio: **O Asno de Ouro**. Ocorre que o nome original é **Metamorfoses**, como consta no título da fonte utilizada; por tal motivo, a ela me referi, no interior do artigo.

³ Para dar conta das ideias de Goldmann, utilizei dois textos: **Marxisme et Sciences Humaines**. Paris, Gallimard, 1970, e a Conclusão – O "Método Estruturalista Genético" do livro de sua autoria **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁴ Sobre o tema da metamorfose em Literatura, lembro duas obras importantes que têm esse motivo: *Metamorfoses* ou *O Asno de Ouro* de Apuleio e *A Metamorfose* de Kafka. Existe uma ideia comum às duas, que têm no título a evidência da metamorfose de homem em animal: nos dois casos, tal tema é ligado à alienação do corpo, ao trabalho alienado e exaustivo, massacrante. O traço de união entre esses dois romances consiste em mostrar o corpo do trabalhador brutalizado sob a metáfora de uma metamorfose degradante: inseto, num caso, e asno, animal de trabalho, no outro.

⁵ Cf. FINLEY, M. *Escravidão antiga e ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1991; CARDOSO, Ciro. *O trabalho compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984; BRADLEY, K. *Slavery and Society at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, especialmente p.57-80.

⁶ FITZGERALD, W. *Slavery and the Roman Literary Imagination*. London: Cambridge University Press, 2000. “Cada capítulo mostra a experiência real ou imaginária de viver com escravos.” No capítulo 1, o autor aborda o escravo como um outro ser; no 2, enfoca o escravo como ser para ser punido e para ter licença, para cometer erros; no 3, mostra o escravo simultaneamente como substituto do amo e como mediador entre livres; no 4, o escravo aparece como metáfora para outras relações sociais; no 5, finalmente, examina escravidão e metamorfose, discute escravização e manumissão visando discutir mobilidade social através de imagens de metamorfose e hibridismo (página 8 e seguintes).

⁷ Este artigo prende-se ao meu atual projeto de pesquisa *A Apologia, Floridas e O Asno de Ouro de Apuleio: um exercício de intertextualidade. História e Literatura no Alto Império Romano*. Tal projeto se segue a uma pesquisa anterior sobre *Metamorfoses*, intitulada *Visões sobre os escravos e os animais no mundo romano presentes em Metamorfoses de Apuleio. Abordagem semiótica de uma fonte literária*.

⁸ Sobre o couro de Lúcio-asno, ver em Fitzgerald, p. 100, a análise do vocabulário sobre a troca da pele por couro = *corium*, e o significado de ser fustigado, apanhar, que a palavra *corium* indica: *corium petere* = *procurar o couro*, ou seja, procurar o escravo para açoitá-lo; *de coro suo ludere* = arriscar sua pele (*Asno de Ouro* VII, 11).

⁹ “*Dii boni, quales illic homunculi uibicibus liuidis totam cutem depicti dorsumque plagosum scissili centunculo magis inumbrati quam obiecti, nonnulli exiguo tegili tantum modo pubem iniecti, cuncti tamen sic tunicati ut essent per pannulos manifesti, frontes litterati et capillum semirasi et pedes anulati, tum hurore deformes et fumosis tenebris uaporosae caliginis/palpebras adesi atque adeo male luminati et in modum pugilum, qui puluisculo perspersi dimicant, farinulenta cinere sordide candidati*”.

¹⁰ “*Quales illi muli senes uel contherii debiles. Circa praeseptium capita demersi contruncabant moles palarum, ceruices cariota uulnerum putredine follicantes, nares languidas adsiduo pulsu tussedinis hiulci, pectora copulae spartae tritura*

continua exulcerati, costas perpetua castigatione ossium tenus renudati, ungulas multiuia circumcursione in enorme uestigium porrecti totumque corium ueterno atque scabiosa macie exasperati".

¹¹ Não foi a única vez que Lúcio-asno foi vendido. Há outra menção, desta vez explicita, que foi num leilão de escravos (*Met.* IX, 10). O asno mudou inúmeras vezes de dono, por variados motivos, todos violentos: ele pertenceu sucessivamente a bandidos que assaltaram a casa de Milão, III, 28; aos pais de Caridade, e destes passou para um tratador de cavalos, VII, 14; para o duro trabalho no moinho, VII, 15-21; para os sacerdotes da deusa Síria, em leilão – o que examino em detalhe, *infra* – VIII, 25; venda para um moleiro em leilão, IX, 10; venda para um hortelão e deste para um soldado, X, 1; dois escravos o compram, X, 13; os escravos o vendem para seu próprio dono, X, 17. Ele finalmente foge até voltar a ser o cidadão Lúcio, no livro XI.

¹² No capítulo 26, vemos uma passagem em que, uma vez comprado, Lúcio chega à casa dos sacerdotes da deusa Síria e é tido como marido do seu novo dono pelos demais invertidos da casa: “Meninas, eis aqui o gentil criado que trouxe do mercado! (...) Mas (...) quando viram (..) um burro por um homem [disseram] Não, não era um servo, mas um marido para ele (...). ‘Um franguinho tão bonito, não o comas sozinho. Partilha-o algumas vezes conosco, que somos as tuas pombinhas’”. É interessante notar, de novo, a comparação, mesmo a metáfora, entre escravo e Lúcio-asno.

¹³ Ver, por exemplo, CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.